

MOVIMENTOS SOCIAIS



À medida em que se aproximam as eleições, ganha destaque a capacidade da militância democrática e popular de se mobilizar nas redes e nas ruas. E o movimento sindical passa por mais um duro teste pós-'deforma' trabalhista.

A aproximação do primeiro turno das eleições de 2018 revela cada vez mais o protagonismo dos movimentos sociais nas redes. E consolida o ativismo dos eleitores de esquerda e progressistas neste espaço de disputa.

Destaque dessa mobilização em setembro, sem dúvida, foi o movimento de mulheres que criou o hashtag #EleNão e que, em apenas três dias, reuniu milhões em torno do combate ao candidato Jair Bolsonaro e sua pauta misógina e machista.

Criado em 30 de agosto no Facebook, o grupo “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro” ultrapassou trezentas mil adesões apenas no primeiro dia. Em três dias, bateu às portas do milhão. Na mesma semana, a página foi atacada por hackers, o que não a abateu, ao contrário.

De volta ao ar, levantou voo de vez, passando de dois milhões de integrantes e espalhando a frase #EleNão por diferentes espaços, como o Twitter, e trazendo para a arena dessa luta mulheres de diferentes preferências partidárias e de todas as profissões. Suscitou polêmicas, como a protagonizada pela cantora Anitta que, ao se declarar indecisa em sua conta no Twitter, provocou posicionamentos vigorosos de um lado a outro. Até que no domingo, dia 23, viesse a público manifestar sua adesão à campanha #EleNão.

O vigor demonstrado pela ação das mulheres contra

Bolsonaro nas redes impulsionou a criação de mais grupos com o mesmo lema e consolidou o debate em outros canais além do Facebook. Importante destacar que grandes mobilizações de mulheres vêm ganhando as ruas no contexto das disputas que antecederam o golpe de 2016, em defesa de direitos e contra o machismo.

Outra movimentação importante deve ser creditada a algumas torcidas organizadas de times de futebol que emitiram notas de repúdio à candidatura do “coiso”, como o ex-capitão é tratado nas redes.

A resistência ao fascismo representado pela candidatura do PSL também uniu as principais centrais sindicais. A CUT e a CTB já haviam declarado voto explícito em Fernando Haddad e Manuela D’Ávila. As demais acenaram a Ciro Gomes. O crescimento da chapa PT-PCdoB e a permanência do ex-capitão no páreo, ao final de setembro, no entanto, fizeram lideranças das outras centrais repudiarem voto no “coiso”. No mesmo período, lideranças da Força Sindical e da UGT permaneciam aliados do candidato do PSDB e não haviam se posicionado contra a candidatura do PSL.

Como parte dos analistas e da mídia aventou que poderia haver migração maciça dos chamados antipetistas ao voto no candidato do PSL já no primeiro turno, desde as primeiras horas a partir da confirmação de Haddad como o “presidente do Lula”, quem teme o ris-

co de retrocesso procurou manifestar-se logo. Pode-se imaginar também que o “fator facada” e suas possíveis consequências também motivaram a tomada de posição dos defensores e defensoras do #EleNão.

O forte crescimento de Fernando Haddad nas pesquisas de intenção de voto, tão logo oficializado pelo Partido dos Trabalhadores como o substituto de Lula na corrida presidencial, foi fator preponderante para outras mobilizações nas redes

Embora ainda mais citado nas redes – com maioria de menções negativas – o candidato do PSL não foi o destaque. Haddad brilhou a partir da segunda metade de setembro.

O candidato do PT cresceu 120% no total de citações no Twitter, enquanto o ex-capitão caiu 32%, segundo levantamento da Diretoria de Análise de Políticas Pú-

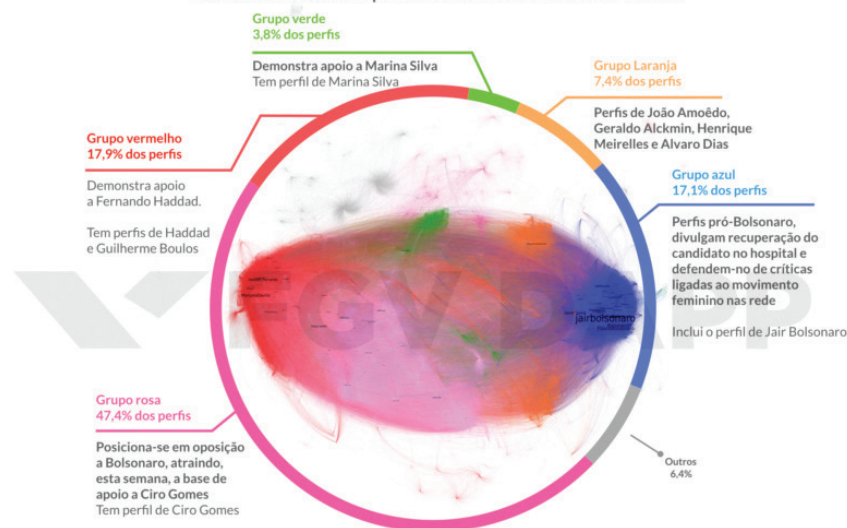
blicas (DAPP) da Fundação Getúlio Vargas (ver gráfico).

Do ponto de vista qualitativo, a mobilização dos simpatizantes de Fernando Haddad também foi superior aos demais candidatos. No embate direto com o ex-capitão, no período até o dia 18 de setembro, o candidato do PT registrou ultrapassagem: 17,9% das menções diretas no Twitter ao professor e ex-ministro da Educação foram de apoio, contra 17,1% das feitas ao adversário. Já no quesito críticas, o candidato do PSL recebeu o maior número entre todos: 47,4% de quem se manifestou sobre a corrida presidencial foram contra.

As medições das redes sociais, como a realizada pela Getúlio Vargas, ainda não captam o que ocorre nos grupos de Whatsapp, ferramenta muito utilizada no debate político.

Mapa de interações sem robôs sobre os presidenciais

4.603.595 retuites | data de análise: 12.set a 18.set



Fonte: Twitter | Elaboração: FGV DAPP

FGV DAPP

Nas ruas

Embora o perfil das campanhas tenha mudado significativamente neste ano, em virtude da nova legislação, e as redes tenham crescido em importância, os movimentos sociais continuam fazendo das ruas um teatro decisivo da luta.

Pouco antes do fechamento desta edição, os pernambucanos deram uma grande demonstração de empenho ao receberem os candidatos Haddad e Manuela em Recife, na sexta-feira, dia 21. Dezenas de milhares de militantes compareceram.

Na semana seguinte, dia 29 de setembro, os movimentos feministas foram às ruas de todo o Brasil para protestar contra o fascismo. A mobilização também ganhou algumas das capitais de outros países. Formadas por grupos pluripartidários, as mobilizações tiveram maioria de simpatizantes da candidatura do PT, refletindo a própria conjuntura eleitoral.

O fato de o crescimento das mobilizações de rua coincidir com a proximidade do primeiro turno e com a subida de Haddad sinaliza que, muito provavelmente, a população continua enxergando as eleições como im-

portante momento de protesto. Neste caso, protesto contra a situação criada a partir do golpe de 2016.

Lula Livre

Se é possível falar em formas “tradicionais” de mobilização nestes tempos que correm, a mais simbólica de todas permanece viva em Curitiba. Ao final de setembro, a Vigília Lula Livre completa cinco meses de resistência. No dia 7 de outubro, quando ocorrer o primeiro turno das eleições, serão exatos seis meses da prisão de Lula e de resistência popular diante da sede da Polícia Federal na capital paranaense.

Essa mobilização, que conheceu seu ápice no dia 1º de maio, quando milhares de pessoas de todo o país comemoraram o Dia do Trabalhador na cidade, sob a bandeira Lula Livre, compreensivelmente diminuiu de tamanho. Porém, mantida voluntariamente pelos próprios participantes, dá exemplo incrível de resistência e continua atraindo visitantes ilustres que vão a Curitiba para visitar Lula, mas que não deixam jamais de passar pela vigília e dialogar com seus integrantes. Em setembro, entre outros, os manifestantes receberam o pensador estadunidense Noam Chomsky e o cantor e compositor Francis Hime.

Apesar do deslocamento das atenções para Haddad, a defesa da liberdade de Lula permanece ganhando novas demonstrações populares, como a segunda edição do Festival Lula Livre em São Paulo, em 16 de setembro.

Campanhas salariais

Os sindicatos também deram boa demonstração de como os movimentos sociais podem ser uma pedra

no sapato das pretensões dos golpistas. Depois do vendaval da “deforma” trabalhista, que retirou abruptamente parte importante do financiamento das entidades sindicais e reduziu ao mínimo possível as garantias de negociação, as representações dos trabalhadores conseguiram bons resultados nas campanhas salariais do primeiro semestre.

Segundo o Balanço de Greves preparado pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estudos Socioeconômicos), 88% das campanhas do período atingiram reajustes – empate com a inflação – ou aumentos reais – acima da inflação. Tendo em perspectiva o fraco desempenho da economia brasileira, o resultado ganha maior relevo.

Outro ponto importante das campanhas foi a luta para garantir a manutenção de conquistas anteriores. Isso porque pelas regras trabalhistas em vigor impostas pelo governo Temer, existe a possibilidade de convenções e acordos coletivos de anos anteriores perderem validade caso a negociação do período atual não seja concluída.

Este temor – ainda não descartado – vai sendo vencido, como no caso da negociação e da luta da categoria bancária no segundo semestre. Os bancários, cuja maioria é representada por sindicatos filiados à CUT, conquistaram no final de agosto um reajuste salarial de 5% – reposição integral da inflação e aumento real de 1,31% que também se aplica na PLR (Participação nos Lucros e Resultados) e nos vales alimentação e refeição e outras verbas como auxílio-creche/babá. Segundo projeção do Dieese, o ganho injetará aproximadamente dez bilhões de reais na economia brasileira até 1º de setembro de 2019.